

Jornalismo literário

*Héris Arnt

No século XIX literatura e jornalismo são indissociáveis. Os maiores escritores do século XIX passaram pela imprensa e muitos, antes de se tornarem romancistas, foram jornalistas, como Mark Twain, José de Alencar, Dickens, Machado de Assis entre outros. A participação dos escritores como editores, articulistas, cronistas e autores de folhetim foi de tal ordem que podemos qualificar este período como do jornalismo literário.

O termo jornalismo literário, na acepção que damos neste trabalho, refere-se ao período que começa em meados de 1830 e vai até o final do século e que se caracteriza pela presença maciça de escritores na imprensa, melhorando a qualidade do texto, levando os jornais a grandes tiragens e criando um público para a literatura. Esta forma de conceber e fazer jornal que se desenvolveu no século XIX se caracterizou pela militância de escritores na imprensa, levando a literatura para as páginas dos jornais e a crítica sutil à sociedade e costumes da época. O jornalismo literário possibilitou um tipo de informação mais sutil sobre a sociedade, interferindo no próprio caminho percorrido pela literatura, e determinando o tipo de jornalismo do século XX — informativo e atraente. O jornalismo do século XIX recebe a influência dos escritores, mas esta passagem dos escritores pela imprensa vai refletir, também, na literatura.

O jornalismo literário não se refere à imprensa especializada em literatura, que foi um fenômeno que apareceu no século XVII e que perdura, hoje, nos jornais e revistas especializados em literatura, nos suplementos de livros e na crítica literária.

A crítica literária começa a ser feita na França em 1665, trinta anos depois da primeira gazeta política. O *Journal des Savants* tinha o objetivo de anunciar os livros novos, dar uma idéia de seu conteúdo e divulgar e documentar as novas descobertas científicas. Esta é a primeira vez que aparece o termo jornal para designar um periódico. Na origem, jornal quer dizer exclusivamente um periódico especializado em literatura, conforme aparece no dicionário da Academia Francesa de 1684. Interessante é o fato

de um *journal* (diário) ser semanal ou quinzenal.

Este jornal representou um grande avanço no sentido da informação, do compromisso da imprensa com a divulgação de fatos importantes que interferiam na vida do homem comum. O *Journal des Savants* foi o primeiro periódico que começou a divulgar as invenções científicas, que até então só eram divulgadas através de correspondência pessoal entre cientistas de diversos países. Este modelo de jornal foi imitado e copiado imediatamente e floresceu por todos os países da Europa.

Le *Journal des Savants* deu uma outra contribuição importante: durante um curto período, dirigido por Desfontaines, adotou pela primeira vez na história da imprensa uma linha de crítica literária militante e agressiva. Ele criticava os filósofos do *siècle des lumières*, sobretudo Voltaire, por sua influência na Academia Francesa.

Desfontaines teve o grande mérito de trazer a discussão literária para o público em geral, tirando a exclusividade dos círculos literários. Outro seguidor deste tipo de jornal foi Fréron, que criticava a literatura institucionalizada e patrocinada pela Academia, sobretudo Voltaire, por sua proximidade com os poderosos. Voltaire tinha ódio de Fréron, a quem fazia injúrias através de seu teatro, e contra ele escreveu o poema *La Pucelle*.

Os jornais literários se desenvolveram por toda a Europa, começando então a aparecer gêneros híbridos, jornais políticos que continham crítica literária. Os jornais literários que se desenvolveram ao longo do século XVIII eram essencialmente críticos à literatura e aos homens de letras, e não contavam com a participação dos próprios escritores. Esta participação só ocorreria no século XIX, primeiramente na Alemanha.

O despertar intelectual que se produziu na Alemanha no século XVIII permitiu que aparecessem ao lado dos jornais políticos a imprensa literária. Os primeiros jornalistas dedicados à crítica literária, na Alemanha, foram Lessing, Nicolai e Wieland. Nicolai passou para a posteridade como um personagem ridicularizado por Schiller e Goethe. Na verdade ele foi um grande crítico, que fundou diversas gazetas e revistas e durante 30

anos influenciou o público letrado alemão. Foi Nicolai quem teve o talento de agrupar grandes colaboradores, e quem conseguiu a adesão de escritores que começaram a escrever artigos para seus jornais.

Estava pronto o terreno, na Europa, para o fenômeno característico da imprensa do século XIX, que foi a participação ativa de escritores na imprensa, quer como editores, articulistas, cronistas ou escritores de folhetins.

Dickens cobria o Parlamento inglês, Machado de Assis o Senado brasileiro. Mark Twain passou por todos os setores de um jornal, Victor Hugo, Balzac e Zola passaram pelo jornalismo. Dostoievski tirou *Crime e Castigo* das páginas criminais dos jornais. Há mais informações nas crônicas políticas de Machado de Assis, Dickens e Seba Smith (Major Jack Dowing) do que nas páginas exacerbadas dos pasquins políticos. Através da ficção folhetinesca que não se pretendia informativa, nem declaradamente crítica, encontramos a mais rica informação sobre o século XIX e a crítica profunda aos costumes da época.

No Brasil o jornalismo literário foi particularmente importante porque o movimento editorial de livros era fraco; não existiam gráficas e os livros tinham que ser impressos em Portugal e Londres. Praticamente todos os escritores passaram pela imprensa: Aloísio de Azevedo, Raul Pompéia, Visconde de Taunay, Joaquim Manoel de Macedo, José de Alencar, Manoel Antônio de Almeida, Machado de Assis, Euclides da Cunha entre outros.

Nos Estados Unidos, apesar de ter havido um movimento editorial bastante desenvolvido, os escritores só tinham possibilidade de publicar suas obras através da imprensa. As editoras não publicavam os autores americanos — sempre um risco editorial — preferindo publicar versões piratas dos clássicos ingleses, que tinham público assegurado. Os Estados Unidos foram os grandes infratores dos direitos autorais do século XIX, já que os autores ingleses nada recebiam pela publicação americana de suas obras. Sir Walter Scott, criador de *Ivanhoé*, foi uma vítima deste sistema. Apesar de ter seus livros constantemente reeditados nos Estados Unidos, morreu na miséria, sem nunca ter recebido direitos de autor.

O jornalismo europeu viveu no século XIX, principalmente a partir da segunda metade, a efervescência do aumento do número de leitores, devida à ascensão das massas urbanizadas à alfabetização. Os jornais em poucos anos passaram a grandes tiragens, suprindo a necessidade de cultura dos novos consumidores. O folhetim foi a grande força de apelo aos novos leitores. O livro ainda era muito caro para ser consumido pelos assalariados, e o jornal vai ocupar este espaço publicando folhetins, romances e contos.

Alguns jornais franceses chegaram a publicar simultaneamente seis folhetins. Nenhum jornal pode fugir do esquema dos folhetins, desde os conservadores, voltados para uma elite burguesa, como foi o caso do tradicional jornal **Figaro**, até o jornal socialista **L'Humanité**. Quase todos os escritores do século XIX vão escrever para os jornais. O fenômeno francês vai se repetir em toda a Europa.

Quando o desenvolvimento industrial tornou possível o aumento das tiragens dos jornais e o barateamento dos custos, havia por trás uma forte pressão popular das gerações recentemente alfabetizadas, ávidas por leitura, que permitiu o aumento da circulação. A publicação de obras literárias integrou uma nova camada da população no círculo de leitores.

A participação de escritores na vida cotidiana dos jornais foi um fenômeno universal, e no Brasil deixou um legado à cultura brasileira, com a publicação de um grande número de obras literárias. Contudo, o fenômeno no Brasil não contava com a participação da massa da população que, condenada ao analfabetismo, não tinha acesso à cultura letrada.

Ao longo de sua história, o Brasil tem tomado de empréstimo idéias européias sem respaldo no seio da sociedade. Os movimentos literários europeus estão embasados em modificações profundas no quadro social. No Brasil, as duas coisas necessariamente não precisam vir juntas. Isto ocorreu em relação ao jornalismo literário, que teve uma grande influência na vida cultural brasileira, lançando os fundamentos do romance brasileiro, com José de Alencar; permitiu a produção de um romance picaresco como **Memórias de um sargento de milícias**, a porta de entrada do povo na literatura, e possibilitou o aparecimento de um dos maiores escritores brasileiros, Machado de Assis; só que este movimento não representou uma maior participação social nos bens culturais.

O movimento de massificação da cultura começa com o folhetim oferecido pelos editores de jornais, a preços baixos, para o grande-público. Aí começa o fosso entre o Brasil e os outros países. O jornalismo literário no Brasil não tinha por trás um movimento de alfabetização do povo. O nosso folhetim não representava o acesso dos proletários à cultura letrada. O folhetim brasileiro estava voltado para a própria burguesia, que em termos culturais vivia em autarcia — produzindo e consumindo para ela mesmo. O jornalismo literário no Brasil foi riquíssimo; produziu em termos relativos uma literatura tão rica quanto em outras partes do mundo, mas sem respaldo na evolução do movimento social, não representou um avanço da cultura letrada.

A influência dos escritores no jornalismo determinou um estilo de jornal. Esta forma de conceber e de fazer o jornal representa uma perfeita síntese entre opinião e informação. O jornalismo literário é informativo: Machado de Assis deixou profundos conhecimentos sobre a sociedade brasileira; Dickens fez uma pintura sem retoques da sociedade inglesa na passagem para o sistema capitalista; Balzac foi o historiador da sociedade francesa. As crônicas, os folhetins são fontes de informação inesgotáveis sobre as sociedades que retratam. Críticos da sociedade de sua época, os escritores/jornalistas, através de todos os gêneros a que se dedicaram, deixaram uma análise sutil sobre usos e costumes, que servem de material de estudo para historiadores e pesquisadores. E mais do que isto, a observação minuciosa da sociedade que os cercava, levaram esses escritores a fazer profunda análise da natureza humana.

A influência dos escritores no jornalismo não foi unilateral: não só os escritores determinaram o tipo de jornalismo literário, como a literatura sofreu influência do jornalismo. Através das crônicas e folhetins, os escritores criticavam os costumes, a política, as instituições da época, combinando crítica com informação. Mas, preso à matéria de jornal, o produto literário vai sofrer as pressões que o atrelam a uma forma narrativa de total envolvimento com o leitor. A literatura do século XIX publicada nos jornais estará profundamente enraizada na realidade, no cotidiano, nas reais agruras dos seres humanos.

Os jornais do século XIX ainda não têm o compromisso com a informação objetiva e imparcial, que seria o sonho perseguido no século XX pelos homens

de imprensa, mas começa a se afastar do pasquim de opinião tendenciosa de grupos e facções. São os escritores que vão buscar a isenção, elevando os debates para o nível das idéias — as instituições serão questionadas e analisadas em profundidade. Enquanto Machado de Assis em tom irônico analisava as entranhas da nossa vida política, fazendo a cobertura do Senado, Dickens fazia o mesmo no Parlamento inglês, Seba Smith criticava o Congresso norte-americano, Balzac ironizava o governo da Restauração. Dostoiévski sofria constrangimentos de toda a sorte (prisão, pagamento de multa) em consequência dos artigos que escrevia. Além da missão de denúncia, a que todos mais ou menos se propunham — Dickens de maneira obsessiva, Balzac de forma atormentada e Machado de Assis de maneira mais velada — eles assumiam, também, a função de educar. O folhetim do século XIX tinha um compromisso com a massa recentemente alfabetizada, e pretendia levar a cultura letrada para um grande número de pessoas.

O cronista/escritor fazia crônica de opinião — foram eles que melhor criticaram a sociedade de seu tempo — mas as crônicas eram também informativas. O escritor do século XIX fazia do seu ofício uma profissão de fé na verdade. Conscientes do papel de historiadores do momento fugaz, eles informavam o que se passava a seu redor com a intenção de deixar uma testemunha para a posteridade.

O jornalismo determinou e moldou os rumos da literatura, que nunca mais pode privilegiar a reflexão em detrimento da ação. Em todos os escritores que passaram pela imprensa há algo em comum — estes escritores não deixam de observar a vida.

A partir da análise da influência do jornalismo na literatura, conclui-se que o movimento realista está inteiramente ligado ao jornalismo. Toda a matéria de jornal, do anúncio ao folhetim, tem compromisso com a informação. No jornal, tudo informa. Ao buscarmos a objetividade, ao tentarem retratar em seus personagens as características universais do ser humano, ao se arvorarem o papel de historiador dos movimentos sociais de que são testemunhas, não estão os escritores levando para a ficção os fundamentos do jornalismo?

*ARNT, Héris. Professora da Faculdade de Comunicação Social da UERJ — Dept.º de Jornalismo. Mestre em Comunicação/UFRJ.